

## EPIDEMIOLOGIA: INSTRUMENTO DO PROCESSO DE TRABALHO DO ENFERMEIRO?\*

Marta Lenise do Prado\*\*

PRADO, M. L. Epidemiologia: instrumento do processo de enfermagem? *Rev. Esc. Enf. USP*, v. 28, n. 2, p. 234-41, ago. 1994.

*O presente artigo discute o papel da epidemiologia no processo de trabalho do enfermeiro, buscando tal compreensão nos conceitos de processo de trabalho e seus elementos, a partir de uma análise marxista. Discute a importância de tal compreensão para o conhecimento/reconhecimento da própria profissão e a questão do suporte epidemiológico, enquanto um instrumento do processo de trabalho do enfermeiro.*

**UNITERMOS:** Epidemiologia; Processo de trabalho; Enfermagem.

### INTRODUÇÃO

A evolução histórica das práticas de assistência a enfermagem, em diferentes períodos, revela o efeito determinante do contexto histórico, tendo sido marcada essencialmente pela adoção de modelos de assistência individualizada, centrados no hospital (modelo curativo), refletindo fortemente o modelo biomédico, fruto da incorporação do modelo positivista nas ciências da saúde.

Tal modelo determinou, na área da saúde, o incremento da especialização e da tecnologia, na tentativa de responder às demandas de saúde das populações. Entretanto, frequentemente mostrou-se desvinculado da realidade social, tanto dos indivíduos assistidos quanto de seus agentes. Na prática médica e suas relações com a sociedade, o positivismo se manifesta "na concepção da saúde-doença como fenômeno apenas biológico individual em que o social entra, mas compreendido como modo de vida e apenas como variável, ou é desconhecido e omitido; na valorização excessiva da tecnologia e da capacidade absoluta da medicina de erradicar as doenças" (MINAYO, 1992).

Toda via, as transformações buscadas em torno de um novo modelo de assistência à saúde, que contemple as diversidades e necessidades sociais,

- 
- \* Trabalho apresentado para cumprimento da Disciplina Exercício Profissional e Processo de Trabalho, do Curso de Doutorado em Filosofia da Enfermagem, na UFSC.
  - \*\* Enfermeira Professora Assistente do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutoranda em Filosofia da Enfermagem/UFSC

tem gerado importantes reflexões dentro das práticas de saúde e, fortemente, da enfermagem. Tal fato tem determinado um repensar das práticas de saúde no sentido de buscar uma “mudança qualitativa”, transferindo a ênfase dos “corpos biológicos” para os “corpos sociais”: grupos, classes e relações sociais referidos ao processo saúde/doença, como expressou Teixeira apud (MINAYO, 1992).

Surge, então, como uma das possibilidades dessa visão a corrente do materialismo histórico e dialético que vê saúde-doença como “um processo fundamentado na base material de sua produção e com as características biológicas e culturais com que se manifestam (MINAYO, 1992). Esse processo é visto como manifestação tanto nos indivíduos como no coletivo, “de formas particulares de articulação dos processos fisiológicos e sociais no processo de reprodução. Assim, o individual, da mesma forma que o coletivo, são fenômenos biológicos socialmente determinados” (Castelanos, apud MINAYO, 1992).

Nesta perspectiva, os enfermeiros tem buscado novos referenciais, novas formas de construção do conhecimento da realidade e, por consequência, novas abordagens e formas de intervenção nas relações saúde/sociedade.

Esta busca tem gerado muitos estudos acerca da prática da enfermagem, especialmente a partir da década de 80. Dentre estes, tem se destacado alguns estudos acerca da compreensão do processo de trabalho do enfermeiro, dentro de uma visão materialista-histórica, buscando apreender a realidade da prática profissional a partir de um novo referencial. Como afirmam ALMEIDA et al. (1989), estas análises possibilitaram uma visão mais complexa dessa prática, embora acredite que seja possível (e preciso) avançar e aprofundar esta questão através de uma melhor compreensão do processo de trabalho em enfermagem.

Os profissionais de enfermagem desenvolvem “uma prática social historicamente estruturada e socialmente determinada”, assim como as demais práticas de saúde, devendo envidar esforços no sentido de criar novos modelos de processo de trabalho que contemple uma nova perspectiva de assistência à saúde (ALMEIDA et al., 1989).

Uma perspectiva de assistência à saúde que a disvincule de uma mera relação mercantilista, a qual, enquanto bem de consumo, tem como finalidade precípua a reposição-recuperação da força de trabalho; uma perspectiva de assistência à saúde que a vincule como um bem inalienável, intrínseco à própria vida, que garanta ao ser humano a plenitude de sua auto-realização.

## **A COMPREENSÃO DO PROCESSO DE TRABALHO NA BUSCA DA COMPREENSÃO DA PRÓPRIA PROFISSÃO**

A discussão sobre processo de trabalho, como prática social, remonta aos escritos de MARX, tendo permeado grande parte da história da construção do conhecimento e da estruturação da sociedade desde então. Para MARX (s.d.) “o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação impulsiona, regula e

controla seu intercâmbio material com a natureza". O processo de trabalho consiste com o processo de transformação do mundo.

Muitos estudiosos contemporâneos concordam com o pensamento de MARX, como SROUR (1990) que nos diz que o processo de trabalho

*"consiste numa intervenção promovida por um trabalhador — ou vários deles — que modifica uma matéria-prima com o auxílio de um instrumento de trabalho. O resultado denomina-se produto"*

Neste processo de trabalho encontramos elementos constitutivos que são: o objeto — a matéria-prima, o instrumento de trabalho — o equipamento, o próprio trabalho e sua finalidade e a força de trabalho — o trabalhador ou um conjunto de trabalhadores (SROUR, 1990). Estes elementos não podem ser tomados isoladamente, pois estão intimamente relacionados, de tal forma que só é possível definir um se conhecer o outro; dependendo da finalidade e do objeto é que se dá a escolha dos instrumentos adequados. Ou seja, "no processo de trabalho, a atividade do homem opera uma transformação, subordinada a um determinado fim, no objeto sobre que atua por meio do instrumental de trabalho" (MARX, s.d.).

Neste sentido, para que seja possível a compreensão da sua própria profissão, faz-se necessário que o enfermeiro busque a compreensão da finalidade de seu trabalho, de qual é seu objeto (único ou múltiplo?; exclusivo ou coletivo?), bem como, quais são os instrumentos deste trabalho.

Consideramos que vários são os objetos de trabalho do enfermeiro e, também, que vários são os seus instrumentos, porque várias são as finalidades do seu trabalho. Dependendo do objeto e da finalidade, devem ser escolhidos os instrumentos adequados. Os instrumentos servem "para medir o desenvolvimento da força humana de trabalho e, além disso, indicam as condições sociais em que estes se realizam (MARX, s.d.). Da mesma forma, um mesmo instrumento pode ser utilizado na transformação de diferentes objetos para o alcance de diferentes finalidades.

O objeto de trabalho é entendido, então, como "a matéria a que se aplica o trabalho" (MARX, s.d.), ou seja, a matéria sobre a qual se dá a transformação no processo de trabalho; é tudo aquilo sobre o qual a atividade humana age para transformar.

Portanto, o objeto de trabalho do enfermeiro está diretamente vinculado com a finalidade do seu trabalho. O ser humano com necessidades de saúde, é um dos objetos do processo de trabalho do enfermeiro, podendo ser **individual ou coletivo**, bem como a administração dos serviços de saúde em geral e do serviço de enfermagem, em especial, entre outros. Assim, quando se tem por finalidade a intervenção no processo saúde-doença em sua dimensão coletiva ou social, toma-se por objeto o **ser humano coletivo com necessidade de saúde**.

A finalidade é, então, entendida como o resultado existente idealmente na imaginação do trabalhador e que aparece ao final do processo de trabalho, como produto desse trabalho (MARX, s.d.).

Da mesma forma, quando se tem por finalidade o planejamento, a organização, a coordenação e o controle dos serviços de saúde, toma-se a **administração dos serviços de saúde** por objeto de trabalho.

Para ambos os objetos exemplificados, utiliza-se diferentes e diversos instrumentos ou meios para consecução do trabalho desejado. Esquemáticamente, isto pode ser representado da seguinte forma:

<b>PROCESSO DE TRABALHO DO ENFERMEIRO</b>		
<b>OBJETO DE TRABALHO</b>	<b>INSTRUMENTO</b>	<b>FINALIDADE</b>
Ser humano coletivo com necessidade de saúde	Epidemiologia	Intervenção no processo saúde-doença em sua dimensão social ou coletiva
	Educação em saúde, modelos das práticas assistenciais, outros.	
Administração dos serviços de saúde	Epidemiologia	Planejamento, coordenação, controle e coordenação
	Técnicas e modelos organizacionais, outros.	

## **A EPIDEMIOLOGIA COMO INSTRUMENTO DO PROCESSO DE TRABALHO DO ENFERMEIRO**

ALMEIDA et al. (1989) afirmam que o trabalho em saúde se caracteriza como um processo coletivo composto de várias áreas técnicas específicas. Dessa forma, a enfermagem faz parte desse coletivo, contendo um processo onde as diferentes categorias compartilham parcelas desse trabalho para compor o conjunto complementar e interdependente referido ao todo.

A enfermagem, bem como as demais profissões da área de saúde, tem sua intervenção inserida numa dada realidade histórica concreta, junto a indivíduos concretos. Se assim o é, espera-se que tal intervenção esteja contextualizada nesta dada realidade; que o enfermeiro, enquanto profissional e cidadão, tenha conhecimento do cotidiano do seu objeto de trabalho a partir do qual deverá dirigir prioritariamente sua intervenção.

Assim, quando as ações dos profissionais de enfermagem tem por finalidade a intervenção no processo saúde-doença em sua dimensão coletiva ou social, eles precisam ter amplo conhecimento do conjunto de determinações que operam numa realidade concreta e que produzem nos diversos grupos sociais o aparecimento de riscos ou potencialidades característicos desses grupos. Significa dizer que a enfermagem deve buscar conhecer o máximo possível a realidade concreta na qual suas ações se efetivam.

Tal abordagem consiste em compreender que as “sociedades estão sujeitas a leis próprias cuja explicação ultrapassa as possibilidades do método clínico; em reconhecer que a doença é produto direto ou indireto das condições gerais em que se desenvolve uma determinada classe social, e portanto, para sua compreensão é necessário o conhecimento das leis estruturais (gerais) e aquelas que condicionam a reprodução social da classe”, como afirmam (GRANDA; BREILH, 1989).

Para isso a epidemiologia torna-se instrumento fundamental. Instrumentos ou meios de trabalho entendidos como “coisa ou complexo de coisas que o trabalhador insere entre si mesmo e o objeto de trabalho e lhe serve para dirigir sua atividade sobre esse objeto; são todas as coisas que permitem ao trabalho aplicar-se a seu objeto e servem de qualquer modo para conduzir a atividade” (MARX, s.d.). Desta forma, o instrumento representa o ponto de encontro do produto que contém as necessidades e a finalidade do trabalho, regido por um plano pré-estabelecido de transformação (ALMEIDA et al., 1989).

A epidemiologia é um instrumento fundamental, porque “deve ser um conjunto de conceitos, métodos e formas de atuação prática que se aplicam ao conhecimento em sua dimensão coletiva e social, compreendendo o processo saúde-doença como a síntese de tais determinações que se manifestam na forma de perfis ou padrões de doença ou saúde; porque as possibilidades de explicação do processo saúde-doença por parte da epidemiologia são mais globais, sempre e quando se assentem sobre a interpretação científica do universo e suas leis e a adequada compreensão das leis gerais e sua relação com as leis que regem os processos particulares e individuais” (GRANDA; BREILH, 1989).

A epidemiologia é um instrumento do processo de trabalho da enfermagem já que pode subsidiar um conhecimento mais amplo da realidade concreta do seu objeto de trabalho. O uso do instrumental epidemiológico permite a enfermagem que a sua intervenção não seja desvinculada ou desconectada dessa realidade, que suas decisões quanto à políticas de saúde e do próprio serviço de enfermagem sejam baseadas em evidências epidemiológicas, garantindo segurança e adequação.

Como afirma NOGUEIRA (1984), a adoção do enfoque epidemiológico contribui para evitar a desvinculação entre a assistência prestada e as necessidades reais do indivíduo, família, grupos e comunidade; para uma melhor utilização dos recursos disponíveis; para uma atenção com maior segurança e eficácia, valorizando a saúde de uma forma integral. Além disso, a execução de pesquisas com esse enfoque subsidiam a proposição de modelos assistenciais de enfermagem, capazes de atender adequadamente aos grupos assistidos.

Pois, “a qualidade de vida a que cada grupo sócio-econômico está exposto é diferente e portanto é igualmente diferente sua exposição a processos de risco que produzem o aparecimento de doenças e formas de morte específicas, assim como seu acesso a processos benéficos ou potencializadores da saúde e da vida” (GRANDA; BREILH, 1989).

Com este enfoque, conhecendo os grupos vulneráveis, os fatores de risco e o impacto destes sobre a família e a sociedade, poderá o enfermeiro contribuir na determinação de estratégias setoriais e intersetoriais eficientes para o atendimento da população. Tal conhecimento subsidiará, então, as escolhas relativas às demais estratégias de intervenção, de tal forma que possa fazer frente às demandas da sociedade e da própria transformação da realidade. A epidemiologia, como afirma DEVER (1988) sempre foi método de análise da saúde da comunidade.

A epidemiologia é também instrumento do processo de trabalho do enfermeiro, quando seu objeto consiste na administração dos serviços de saúde. Pois, há muito vem sendo discutido a importância da epidemiologia como instrumento para o planejamento de políticas de saúde e para a administração dos serviços de saúde. Como afirma DEVER (1988),

*“a epidemiologia é uma necessidade para a moderna administração dos serviços de saúde, quer seja como instrumento para melhor adequar recursos escassos às necessidades da população e como uma estrutura para a compreensão e conceitualização mais global da saúde, quer seja como um guia para o desenvolvimento e prestação de serviços universalizados”.*

## A PLURALIDADE DOS INSTRUMENTOS

O método epidemiológico estuda o processo saúde-doença em sua dimensão social, embora ainda apresente limitações do método positivista, na epidemiologia tradicional. Nesse sentido, se tem buscado redimensionar seu objeto de estudo visando resgatar o componente social que caracterizou seu surgimento enquanto ciência (GRANDA; BREILH, 1989).

A questão do objeto da epidemiologia vem sendo tema de muitas reflexões. De uma concepção de que o propósito principal da epidemiologia é “a busca de associações causais entre doença e fatores de exposição ambiental” (MACMAHON; PUGH, 1975), alguns autores tem afirmado que a investigação epidemiológica consiste no estudo da determinação do processo saúde-doença, buscando resgatar o enfoque social da epidemiologia (ALMEIDA FILHO, 1979; GRANDA; BREILH, 1989; BREILH, 1991).

Como afirma POSSAS (1989),

*“O verdadeiro desafio reside na possibilidade de resgatar a Epidemiologia, dita social, como ciência capaz de integrar os avanços do conhecimento biológico numa nova perspectiva de abordagem social, conferindo-lhe a fundamentação e o instrumental mais adequado ao exercício de sua vocação crítica”.*

Assim, da mesma forma que a ciência epidemiológica tem buscado a pluralidade metodológica para a compreensão dos fenômenos, a complexidade crescente do processo de trabalho do enfermeiro exige a utilização de múltiplos instrumentos. Assim sendo, acreditamos que a epidemiologia consiste em um dos instrumentos necessários ao alcance da finalidade do trabalho do enfermeiro. Isto porque a pluralidade de instrumentos é fator importante

para a plena transformação de um objeto de trabalho determinado, pois sua natureza multifacetada requer diferentes formas para apreendê-lo, cabendo a cada instrumento uma forma-maneira de fazê-lo e, conseqüentemente, de transformá-lo.

Portanto, quando pensamos numa prática de enfermagem comprometida socialmente, não podemos desconectá-la da realidade na qual se insere. Então, a epidemiologia passa a ser um valioso instrumento do processo de trabalho do enfermeiro, um valioso instrumento para o conhecimento e o reconhecimento do objeto de trabalho, de tal forma que os demais instrumentos escolhidos sejam os mais adequados para alcançar a finalidade e, por conseqüência, obter o melhor produto-resultado de seu trabalho.

PRADO, M. L. Epidemiology: instrument the nurse's work process?, *Rev. Esc. Enf. USP*, v. 28, n.2, p. 234-41, aug. 1994.

*This paper discusses the role of the epidemiology in the nurse's work process. It searches for the comprehension of the work process's concepts and their elements deriving from a marxist analysis. It discusses the importance of this comprehension for the knowledge / recognition of the nursing profession and the epidemiologic support question as a work instrument.*

KEIWORKS: Epidemiology; Work processo; Nursing profession.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA FILHO, N. de **Epidemiologia sem números**: uma introdução crítica à ciência epidemiológica. Rio de Janeiro, Campus, 1989.
- ALMEIDA, M.C.P. de et al. A situação da enfermagem nos anos 80. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 41, Florianópolis, 1989. **Anais**. Florianópolis, ABEN, 1989. p.43-7577.
- BREILH, J. **Epidemiologia** : economia, política e saúde. São Paulo, UNESP/HUCITEC, 1991.
- DEVER, G.E.A. **A epidemiologia na administração dos serviços de saúde**. São Paulo, Pioneira, 1988.
- GRANDA, E.; BREILH, J. **Saúde na sociedade**. São Paulo, CORTEZ/ABRASCO, 1989.
- MACMAHON, B.; PUGH, T.F. **Princípios y métodos de la epidemiologia**. México, La Prensa, 1975.
- MARX, K. **O capital**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, s.d. v.1.
- MYNAIO, M.C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo, HUCITEC - ABRASCO, 1992.

NOGUEIRA, M.O. de C. Enfoque de risco na assistência de enfermagem comunitária.  
**Rev. Esc. Enf. USP**, v.18, n.3, p.281-5, 1984.

POSSAS, C. **Epidemiologia e sociedade**. São Paulo, Hucitec, 1989.

SROUR, H.R. **Classes, regimes e ideologias**. 2.ed. São Paulo, Ática, 1990.